

COMO PSICOTERAPEUTAS INTERVÊM NA AUTOLESÃO NÃO SUICIDA EM ADOLESCENTES? ANÁLISE QUALITATIVA DE PRÁTICAS CLÍNICAS

Daniely Fernandes Kamazaki¹; Angela Helena Marin²

¹ Doutoranda em Psicologia pelo PPG de Psicologia da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). E-mail: Kamazaki.psi@gmail.com

² Orientador(a): Doutora em Psicologia e professora no PPG de Psicologia da UFRGS. E-mail: marin.angelah@gmail.com

RESUMO: A autolesão não suicida (ALNS) se refere a comportamentos deliberados de lesão ao próprio corpo sem intenção de morte, apresentando elevada prevalência na adolescência e constituindo demanda frequente na prática psicoterapêutica. Apesar de sua relevância clínica, observa-se a ausência de protocolos estruturados e de modelos psicoterápicos de referência amplamente consolidados, o que impõe desafios à condução do tratamento e à padronização das intervenções. Nesse contexto, torna-se fundamental compreender como psicólogos/as brasileiros/as têm operacionalizado o manejo clínico da ALNS em sua prática cotidiana. Compreender e detalhar as intervenções utilizadas por psicólogos/as no atendimento psicoterapêutico de adolescentes com ALNS. Trata-se de um estudo qualitativo exploratório, do qual participaram sete psicólogas clínicas, com média de 6,29 anos de experiência profissional (DP = 2,60) e idade média de 32,14 anos (DP = 3,52), autodeclaradas brancas e provenientes dos estados do Rio Grande do Sul, São Paulo e Ceará. As participantes responderam remotamente a um Questionário de Dados Sociodemográficos e Laborais e a uma entrevista semiestruturada sobre avaliação e manejo da ALNS. O estudo foi aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa do Instituto de Psicologia, Serviço Social, Saúde e Comunicação Humana da Universidade Federal do Rio Grande do Sul sob o CAAE nº 80127424.0.0000.5334. Os dados foram analisados por meio da análise temática reflexiva. As intervenções relatadas incluíram acolhimento e escuta qualificada, promoção de estratégias de pedido de ajuda e desenvolvimento de autocompaixão, além de técnicas voltadas ao manejo cognitivo e às relações interpessoais. Observou-se também ênfase na identificação e no manejo das funções da ALNS, principalmente na função de regulação emocional, no fortalecimento de fatores protetivos, no envolvimento familiar e na restrição de acesso a meios utilizados para a autolesão. Contudo, emergiram fragilidades importantes, incluindo ausência de planejamento estruturado, dificuldades no engajamento dos pais/cuidadores e desafios éticos relacionados à gestão do sigilo no atendimento a adolescentes. Independentemente da abordagem teórica adotada, o trabalho com emoções e estratégias de regulação emocional foi apontado como um

dos principais objetivos do tratamento da ALNS. Destaca-se a necessidade de estratégias formativas que qualifiquem o manejo prático da ALNS, especialmente no que se refere à inclusão da família e à tomada de decisão ética no contexto brasileiro. Um avanço proporcionado pelo estudo é a valorização da perspectiva de psicólogas(os) clínicas(os) sobre o processo terapêutico, contribuindo para uma compreensão mais aprofundada da prática profissional no contexto brasileiro.

Palavras-chave: Autolesão não suicida; Psicoterapia; Adolescentes.

REFERÊNCIAS

BRAUN, V.; CLARKE, V. Reflecting on reflexive thematic analysis. **Qualitative Research in Sport, Exercise and Health**, [s. l.], v. 11, n. 4, p. 589–597, 2019. DOI <https://doi.org/10.1080/2159676X.2019.1628806>. Disponível em: tandfonline.com. Acesso em: 31 mar. 2026.

INTERNATIONAL SOCIETY FOR THE STUDY OF SELF-INJURY (ISSS). **About self-injury**. [S. l.: s. n.], [s. d.]. Disponível em: <https://www.itriples.org/aboutnssi>. Acesso em: 31 mar. 2026.

LINDGREN, B.-M.; SVEDIN, C. G.; WERKÖ, S. A systematic literature review of experiences of professional care and support among people who self-harm. **Archives of Suicide Research**, [s. l.], v. 22, n. 2, p. 173–192, 2018. DOI <https://doi.org/10.1080/13811118.2017.1319309>. Disponível em: tandfonline.com. Acesso em: 31 mar. 2026.